

POR UMA PEDAGOGIA QUEER

Doutor Nilson Fernandes Dinis

Professor Associado da Universidade Federal de São Carlos. ndinis@ufscar.br

Resumo: A Pedagogia Queer nasceu do esforço teórico de pesquisadoras(es) da área da Educação em utilizar conceitos produzidos pela *Teoria Queer* para pensar novas estratégias pedagógicas não-normativas. O que parece comum a todos(as) pesquisadores(as) da pedagogia queer parece ser justamente essa aposta na possibilidade de se construir novas pedagogias que possibilitem que haja menos discursos normalizadores dos corpos, dos gêneros, da sexualidade, da identidade, das relações sociais, dos processos de ensino-aprendizagem e do pensamento. Pela importância de suas contribuições no campo da Educação, a pedagogia queer pode ser uma importante interlocutora em uma contemporaneidade na qual nossas concepções sobre as múltiplas identidades, sobre o sujeito pedagógico e sobre nossos métodos de ensino-aprendizagem parecem estar em crise arrastados pela multiplicidade de novas identidades sexuais, de gênero, étnico-raciais, e culturais que habitam o espaço escolar.

Palavras-chave: pedagogia queer; sexualidade; gênero; currículo; diversidade sexual.

FOR A QUEER PEDAGOGY

Abstract: Queer Pedagogy was born from theoretical effort of researchers of Education to use concepts produced by Queer Theory to think new non-normative teaching strategies. What seems common to all researchers of queer pedagogy seems to be precisely that bet on the possibility of building new pedagogies that enable less normalizing discourses about bodies, genders, sexuality, identity, social relationships, processes of teaching and learning and

Volume, 2. Número , 2, 2013

thinking. For the importance of its contributions to the field of Education, Queer Pedagogy can be an important interlocutor in a contemporary world in which our concepts about multiple identities, about pedagogical subject, and about our new methods of teaching and learning seem to be in crisis dragged by the multiplicity of new sexual, gender, ethnic, racial, and cultural identities that inhabit the school space.

Key-words: queer pedagogy; sexuality; gender; curriculum; sexual diversity

A partir das contribuições do filósofo francês Michel Foucault (1987), aprendemos que as práticas discursivas são instituidoras dos objetos dos quais falamos, moldam nossas formas de constituir o mundo, o que trouxe novos desafios às pesquisas na área de Ciências Humanas e na área de Educação, desnaturalizando ainda mais a possibilidade de uma observação passiva, descritiva e objetiva do objeto dessas áreas do conhecimento. Portanto, quando nos debruçamos mesmo sobre conceitos como sexualidade e gênero que se tornaram também um objeto de discurso das pesquisas educacionais, devemos lembrar que esses discursos produzem as próprias identidades sexuais e de gênero sobre as quais se debruçam em uma complexa trama de saberes e poderes, cuja análise sempre é necessária quando se parte de uma pesquisa com foco nos estudos da Pedagogia Queer, já que o currículo não é mais apenas um instrumento de transmissão de conhecimento, nem espaço de significação, mas é também um espaço de produção de identidades. Porém o que seria exatamente uma pedagogia queer e quais novos desafios traria para o campo educacional?

A Pedagogia Queer nasce do esforço teórico de pesquisadoras(es) da área da Educação em utilizar conceitos produzidos pela *Teoria Queer* para pensar novas estratégias pedagógicas que sejam não-normativas. A pesquisadora Guacira Lopes Louro tem sido no Brasil a principal articuladora desses esforços em pensar as contribuições da Teoria Queer na área da educação. Ela também circunscreve algumas

Volume, 2. Número , 2, 2013

das principais inquietações para pensar uma Pedagogia Queer:

Como um movimento que se remete ao estranho e ao excêntrico pode articular-se com a Educação, tradicionalmente o espaço da normalização e do ajustamento? Como uma teoria não-propositiva pode “falar” a um campo que vive de projetos e de programas, de intenções, objetivos e planos de ação? Qual o espaço nesse campo usualmente voltado ao disciplinamento e à regra, para a transgressão e para a contestação? Como romper com binarismos e pensar a sexualidade, os gêneros e os corpos de uma forma plural, múltipla e cambiante? Como traduzir a teoria queer para a prática pedagógica? (LOURO, 2004, p. 47).

A Teoria Queer aparece no fim dos anos 1980 nos Estados Unidos. O termo *teoria queer* foi empregado pela primeira vez em 1990, em uma conferência de Teresa de Lauretis, uma pesquisadora italiana radicada nos Estados Unidos. Com inspiração desta provocação, como também na teoria feminista, na psicanálise de Jacques Lacan, e principalmente nas teorias francesas pós-estruturalistas, pesquisadores(as) que estudavam os conceitos de sexualidade e gênero encontraram instrumentos para pensar um novo campo de estudos que pudesse ser uma alternativa aos referenciais identitários e assimilacionistas presentes na teoria feminista e dos estudos gays e lésbicos nas universidades americanas.

O termo *queer* em inglês pode remeter a um substantivo, a um adjetivo ou mesmo funcionar como verbo. Pode ser usado, por exemplo, como substantivo pejorativo para referir-se a pessoas homossexuais; como adjetivo para algo que é esquisito, diferente do esperado, especialmente de forma não prazerosa, ou ainda algo que causa dúvida ou suspeita; e pode ser usado também como verbo, a exemplo da expressão *queer somebody's pitch*, ou seja, fazer os planos de alguém dar errado (COWIE, 1990, p. 1025). O termo polissêmico e geralmente associado a aspectos negativos foi apropriado e positivado por algumas pessoas para autodenominar-se. Para a pesquisadora americana Shari L. Thurer:

Hence, queer theory has no truck with fixed sex/gender identities. It transcends labels of male, female, homosexual, bisexual, heterosexual, transsexual, etc., opting instead to consider gender identity and sexual orientation as culturally invented, fluid, eternally unstable construct that derive what meaning they have from their context (THURER, 2005, p. 97).

Já como contribuição da Teoria Queer aos estudos sociológicos, o pesquisador brasileiro Richard Miskolci ressalta que:

A Teoria Queer desafia a Sociologia a não mais estudar apenas os que rompem as normas (o que redundaria nos limitados estudos de minorias), nem apenas os processos sociais que os criam como desviantes (o que a teoria da rotulação já fez com sucesso), antes focar nos processos normalizadores marcados pela produção simultânea do hegemônico e do subalterno” (MISKOLCI, 2009, p. 170-171).

Neste sentido um dos alvos da teoria queer é a própria idéia de *heteronormatividade*, conceito criado pelo pesquisador americano Michael Warner (1993) para descrever a norma que toma a sexualidade heterossexual como norma universal e os discursos que descrevem a situação homossexual como desviante.

Os estudos sobre a sexualidade realizados pelo filósofo francês Michel Foucault também foram uma forte inspiração para autoras(es) da teoria queer. Segundo a pesquisadora Tamsin Spargo: “Foucault’s work and life, achievements and demonisation, have made him a powerful model for many gay, lesbian and other intellectuals, and his analysis of the interrelationships of knowledge, power and sexuality was the most important intellectual catalyst of queer theory”(SPARGO, 2000, p. 8).

Para Foucault (1988), a sexualidade é um dispositivo da modernidade

Volume, 2. Número , 2, 2013

constituído por práticas discursivas e não discursivas que produzem uma concepção do indivíduo enquanto sujeito de uma sexualidade, ou seja, saberes e poderes que buscam normatizar, controlar e estabelecer “verdades” acerca do sujeito na relação com seu corpo e seus prazeres. Observa-se aqui a superação da tematização da sexualidade enquanto objeto natural e sua construção enquanto dispositivo de poder. Foucault observa ainda que mecanismos específicos de conhecimento e poder centrados no sexo se conjugam, desde o século XVIII, através de uma variedade de práticas sociais e técnicas de poder.

Portanto, discursos sobre a sexualidade das mulheres e das crianças, sobre o controle do comportamento procriativo e sobre a demarcação das perversões sexuais, produziram, ao longo do século XIX, quatro figuras submetidas à observação e ao controle social: a mulher histérica, a criança masturbadora, o casal malthusiano e o pervertido, especialmente o homossexual. Foucault conclui que é no século XIX que se produz o conceito de homossexualidade: “...foi por volta de 1870, que os psiquiatras começaram a constituí-la com objeto de análise médica: ponto de partida, certamente, de toda uma série de intervenções e de controles novos” (FOUCAULT, 1992, p. 233).

Mas a grande inquietação de Foucault em relação ao discurso sobre a homossexualidade está na cristalização de uma pseudo-identidade que poderia obstruir a produção de novas estéticas da existência, ou seja, novas formas de ser-estar no mundo. Neste sentido a preocupação de Foucault está em consonância com a crítica da Teoria Queer às limitações identitárias dos Estudos Gays e Lésbicos. Para Foucault o problema não deveria ser “Quem sou eu? Qual o segredo do meu desejo?”, mas sim: “Quais relações poderem ser estabelecidas, inventadas, multiplicadas, moduladas através da homossexualidade” (FOUCAULT, 2005, s. p.). Pois para Foucault a grande resistência política na modernidade talvez “não seja descobrir o que somos, mas recusar o que somos (...) Temos que promover novas formas de subjetividade, através da recusa deste tipo de individualidade que nos foi imposto há séculos”(FOUCAULT, 1995, p. 239).

As contribuições de Foucault, ao desnaturalizar o conceito de sexualidade por entendê-la como um dispositivo produzido por redes de saber e poder, possibilitaram também o fortalecimento das discussões sobre o conceito de gênero entre as teóricas

Volume, 2. Número , 2, 2013

feministas, embora especificadamente o conceito de gênero não tenha sido objeto das pesquisas foucaultianas. O conceito de gênero foi introduzido pelas feministas de língua inglesa na década de 1970, designando as representações acerca do masculino e do feminino que são construídas culturalmente, distanciando-se de uma compreensão biologizante. Para Louro, a importância do conceito de gênero se afirma, pois:

...obriga aquelas/es que o empregam a levar em consideração as distintas sociedades e os distintos momentos históricos de que estão tratando. Afasta-se (ou se tem a intenção de afastar) proposições essencialistas sobre os gêneros; a ótica está dirigida para um processo, para uma construção, e não para algo que exista a priori. O conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos. Observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem (LOURO, 1997, p. 23)

Mas os instrumentos analíticos de Foucault possibilitaram também a algumas pesquisadoras da teoria queer, como a americana Judith Butler, a pensar o conceito de gênero ainda mais longe. Para Butler (2003) o gênero não exprime uma essência, uma disposição natural, mas é definido como o efeito repetitivo de uma performance. A coerência e a continuidade entre as categorias de sexo, gênero e sexualidade são culturalmente construídas na repetição de ações estilizadas. Essa repetição que produz a aparência ontológica, binarista e essencialista dessas categorias é o que a autora chama de *performatividade*. No caso específico da distinção binarista entre sexo-gênero, ela serviria também para encobrir a multiplicidade de outras possibilidades que envolvem a construção de nossas identidades sexuais e de gênero.

Se o gênero é a construção social do sexo e se não existe nenhum acesso a esse 'sexo' exceto por meio de sua construção, então parece não apenas que o sexo é absorvido pelo

Volume, 2. Número , 2, 2013

gênero, mas que o 'sexo' torna-se algo como uma ficção, talvez uma fantasia, retroativamente instalado em lugar pré-lingüístico ao qual não existe nenhum acesso direto (BUTLER, 2000, p. 158).

Ainda para Butler, “a diferença sexual não é, nunca, simplesmente, uma função de diferenças materiais que não seja, de alguma forma, simultaneamente marcadas e formadas por práticas discursivas”(BUTLER, 2000, p. 153). Como argumenta Guacira Louro, ao comentar sobre as contribuições teóricas de Judith Butler:

Ela rompe com a conexão sexo=natureza/gênero=cultura, ao sugerir que o sexo é cultural, na mesma medida em que o é o gênero. Conseqüentemente, a própria distinção sexo/gênero fica perturbada. Para Butler, o gênero é o meio discursivo/cultural mediante o qual um 'sexo natural' é estabelecido como pré-discursivo. Em outras palavras, o sexo é, ele próprio, uma postulação, um constructo que se faz no interior da linguagem e da cultura (LOURO, 2004, p. 66-67).

As críticas da teoria queer aos modelos binaristas de gênero e sexualidade inspiraram pesquisadores(as) da *pedagogia queer* a criticarem também os modelos binaristas da epistemologia na área da educação. Para o pesquisador brasileiro Tomaz Tadeu da Silva:

O *queer* se torna assim uma atitude epistemológica que não se restringe à identidade e ao conhecimento sexuais, mas que se estende para o conhecimento e a identidade de modo geral. Pensar queer significa questionar, problematizar, contestar, todas as formas bem-comportadas de conhecimento e de identidade. A epistemologia queer é, nesse sentido, perversa, subversiva, impertinente, irreverente, profana, desrespeituosa” (SILVA, 2004, p. 107).

Assim como Laretis cunhou o termo *teoria queer*, o termo *pedagogia queer* parece ter sido usado pela primeira vez pelas pesquisadoras canadenses Mary Bryson e Suzanne de Castell em um artigo intitulado “Queer pedagogy: praxis makes im/perfect”, publicado em 1993. Para as autoras: “Queer pedagogy could refer to the deliberate production of queer relations and to the production of subjectivities as deviant performance - that is to say, to a kind of postmodern carnivalesque pedagogy of the underworld, as agitation” (BRYSON e CASTELL, 1993, p. 298-299). O termo pedagogia queer apareceu novamente em 1995 em um artigo da pesquisadora canadense Deborah Britzman intitulado “Is there a Queer Pedagogy? Or stop reading straight”. Para Britzman, a presença da teoria queer na educação “requires something larger than simply an acknowledgement of gay and lesbian subjects in educational studies. At the very least, what is required is an ethical project that begins to engage difference as the grounds of politicality and community” (BRITZMAN, 1995, p. 152). Em *Queer Theory in Education*, publicação organizada pelo pesquisador americano William Pinar, em 1998, a pesquisadora Suzanne Luhmann utilizou também o termo pedagogia queer em seu artigo “Queering/querying Pedagogy? Or, Pedagogy is a pretty queer thing”. Longe da promessa de um novo método pedagógico, o que está em jogo na idéia de uma pedagogia queer, segundo a autora, é:

...the deeply social or dialogic situation of subject formation, the processes of how we make ourselves through and against others. As an inquiry into those processes, my queer pedagogy is not very heroic. It does not position itself as a bulwark against oppression, it does not claim the high grounds of subversion but hopefully it encourages an ethical practice by studying the risks of normalization, the limits of its own practices, and the im/possibilities of (subversive) teaching and learning (LUHMANN, 1998, p. 153-154).

Como afirma William Pinar: “Queer pedagogy displaces and decenters; queer

Volume, 2. Número , 2, 2013

curriculum is non canonical, for starters” (PINAR, 1998, p. 3). Assim para a pesquisadora brasileira Guacira Louro (2004) há também na pedagogia queer uma provocação e uma perturbação das formas convencionais de pensar e conhecer. Mas diferente de uma pedagogia do oprimido, ela escapa mesmo dos enquadramentos do dualismo presente nas teorias que trabalham com uma crítica da lógica da dominação. Ao invés de uma resposta apaziguadora se propõe um trabalho incessante de eterna busca:

Vistos sob essa perspectiva, uma pedagogia e um currículo queer “falam” a todos e não se dirigem apenas àqueles ou àquelas que se reconhecem nessa posição-de-sujeito, isto é, como sujeitos queer. Uma tal pedagogia sugere o questionamento, a desnaturalização e a incerteza como estratégias férteis e criativas para pensar qualquer dimensão da existência. A dúvida deixa de ser desconfortável e nociva para se tornar estimulante e produtiva. As questões insolúveis não cessam as discussões, mas, em vez disso, sugerem a busca de outras perspectivas, incitam a formulação de outras perguntas, provocam o posicionamento a partir de outro lugar. Certamente, essas estratégias também acabam por contribuir com a produção de determinado “tipo” de sujeito. Mas, nesse caso, longe de pretender atingir, finalmente, um modelo ideal, esse sujeito – e essa pedagogia – assumem seu caráter intencionalmente inconcluso e incompleto (LOURO, 2004, p. 52)

O que parece comum a todos(as) pesquisadores(as) da pedagogia queer parece ser justamente essa aposta na possibilidade de se construir novas pedagogias que possibilitem que haja menos discursos normalizadores dos corpos, dos gêneros, da sexualidade, da identidade, das relações sociais, dos processos de ensino-aprendizagem e do pensamento. Pela importância de suas contribuições no campo da Educação, a pedagogia queer pode ser uma importante interlocutora em uma contemporaneidade na qual nossas concepções sobre as múltiplas identidades, sobre o sujeito pedagógico e sobre nossos métodos de ensino-aprendizagem parecem estar em crise. Em um mundo no qual o sujeito pedagógico da educação tradicional, antes visto apenas do lugar das

Volume, 2. Número , 2, 2013

diferenças generacionais e das diferenças econômico-sociais, é arrastado também por uma multiplicidade de novas identidades sexuais, de gênero, étnico-raciais e culturais que trazem pânico a educadores(as) que se sentem incapazes de reaplicar suas metodologias usuais, uma pedagogia queer não trará um novo método, nem novas receitas de aprender-ensinar, devido a sua recente inserção no debate acadêmico. Porém, talvez seus conceitos teóricos possam trazer um certo apaziguamento diante do mal-estar que educadoras(es) sentem frente à volatilidade e à acelerada desterritorialização das identidades e das certezas que fabricamos ao longo da nossa história da educação nos ensinando a conviver melhor com contradições, incertezas, paradoxos e multiplicidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITZMAN, Deborah. Is there a queer pedagogy? Or stop reading straight. **Educational Theory**, Illinois, v.45, n. 2, p. 151-166, primavera 1995.

BRYSON, Mary; CASTELL, Suzanne de. Queer Pedagogy: Praxis makes im/perfect. **Canadian Journal of Education**, v.18, n. 3, p. 285-305, 1993.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-172.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COWIE, Anthony (Ed.). **Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English**. Oxford: Oxford University Press, 1990.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

Volume, 2. Número , 2, 2013

_____. **Da amizade como modo de vida.** Disponível em:
<http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/amitie.html>. Acesso em 10/06/2005.

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1992.

_____. O sujeito e o poder. IN: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica.** Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1995. p. 231-249.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LUHMANN, Suzanne. Queering/querying Pedagogy? Or, Pedagogy is a pretty queer thing. In: PINAR, William (org.). **Queer theory in education.** Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 1998, p. 85-111.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 21, p. 150-182, jan./jul. 2009.

PINAR, William (org.). **Queer theory in education.** Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004

SPARGO, Tamsin. **Foucault and Queer Theory.** New York: Totem Books, 2000.

THURER, Shari L. **The end of gender: a psychological autopsy.** New York and London: Routledge, 2005.

WARNER, Michael. **Fear of a Queer Planet: queer politics and social theory.** Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.

